

Os Passos em Volta de Mariana Viana

MARIA FERNANDES & MARIANA VIANA

[Entrevista]



Desenhos em Volta de Os Passos de Herberto Helder

Pormenor da exposição patente na Porta 33 (Funchal), entre 23.03.2017 - 29.07.2017

© Mariana Viana

Caía fresca a tarde nos tardios de Março de 2017 quando nos juntamos à Mariana Viana no jardim da Porta 33 para uma conversa acerca da exposição que há poucos dias havia inaugurado na galeria funchalense. *Desenhos em Volta de Os Passos de Herberto Helder* aterraram na Ilha no âmbito da participação da sua autora no *Congresso Internacional Herberto Helder - a vida inteira para fundar um poema*, organizado pelo Centro de Investigação em Estudos Regionais e Locais da Universidade da Madeira em finais de Novembro de 2016. A conversa decorre amena no aconchego verde e delicadamente ordenado que nos rodeia, discorrendo sobre impressões, intenções e ideias de criação a partir das paisagens escritas de Herberto. Será talvez preciso sair da imagem – da obra – para a apreender, após a *overdose* pessoal interna que nos provoca o âmago do entendimento para que, munidos dessa íntima esfera única, possamos experienciar a casa que se nos apresenta repleta de sonhos – o estado onírico que Mariana Viana criou a lápis de cor é mais que uma interpretação de *Os Passos Em Volta*. É, em última análise, a lenta

extensão transmutada das paisagens de Herberto. Uma constante, infinita e assombrosa metamorfose.

Maria Fernandes – Mariana, como é que surgiu este trabalho?

Mariana Viana - Este projecto surge no âmbito do meu doutoramento em Artes Visuais e a minha proposta desde o início era ilustrar *Os Passos em Volta*, mas ilustrar de forma que fosse um trabalho paralelo, que não estivesse exactamente colado ao texto, até porque isso seria desinteressante e inútil, e eu nem sequer sabia se iria fazer alguma coisa de interessante... Foi um grande desafio não só porque *Os Passos em Volta* foi um livro importante na minha vida, mas também porque eu há muito que queria explorar a imagem onírica e sempre vi n' *Os Passos em Volta* uma imagética que estava muito próxima desse lado mais onírico do sonho, e ao mesmo tempo também muito realista e cruel. E pronto, partiu daí: eu percebi que queria explorar essa imagem a partir de desenhos e depois eventualmente propor um livro ilustrado. E portanto, antes de começar a fazer os desenhos, embora já conhecesse bem *Os Passos em Volta*, voltei a lê-lo diariamente, sem estar muito preocupada em começar a fazer desenhos. Foi uma longa fase de leitura e interiorização dos textos...

MF - Portanto, uma nova compreensão, uma nova interpretação...

MV - Sim, novamente uma interiorização da obra. Ao mesmo tempo também fui lendo a restante obra poética, assim como a outra obra em prosa, *Apresentação do Rosto*.

MF - Até porque os temas se repetem um pouco nas várias obras...

MV - Exactamente, mas conhecia pouco da poesia, conhecia alguma,



“Cães Marinheiros”
© Mariana Viana

mas pouca. Foi por isso importante a leitura nessa primeira fase. E o que aconteceu é que eu comecei por fazer umas coisas complexas, uns objectos tridimensionais, porque eu queria explorar muito o lugar – o lugar dos espaços que ele mencionava – mas estava muito mais preocupada com os lugares mais poéticos ou interiores dos narradores do que propriamente com o lugar físico. Ora, os lugares são muito descritivos, quer dizer, do quarto, ou daquilo que ele observa de dentro para fora, mas é uma forma de viagem. Ele está sempre a viajar no quarto, mas para outros...

MF - No não-lugar?

MV - ... pois, no não-lugar, mas mais como um lugar de transição e não tanto um lugar que não cria uma identidade única. Sobretudo lugares poéticos, despidos de artifícios e sem inibições, como acontece nos sonhos, criando um tempo próprio em cada conto, cada espaço por ele descrito. Então, comecei por criar um espaço em três dimensões: umas caixas e os desenhos entravam dentro das caixas, mas aquilo estava a ser algo complexo e não estava a fluir da forma como eu queria, e ao fim de um tempo acabei por parar e pensar: “não, vou... me afastar disto e vou-me afastar também do texto” d’ *Os Passos em Volta*. Continuei a ler a restante poesia e arranjei um caderno A4, bastante volumoso e comecei. Obriguei-me a desenhar todos os dias. Isto durou cerca de dois anos, a desenhar todos os dias, cerca de duas, três horas, às vezes quatro horas... às vezes uma hora... depende, mas tentar encontrar uma espécie de...

MF - Uma disciplina...

MV - Sim, uma rotina, mas para me obrigar a fazê-lo mesmo, a ver o que é que saía (**risos**) ... dali, daquelas leituras numa visão mais global, sem pensar – relativamente à obra, a todos os contos, aos 23 contos. E então foram surgindo uma série de imagens, algumas bestas (bastantes bestas), muitos animais. Alguns para mim eram óbvios, como para muitas outras pessoas. Quando olha, identificam-se os animais nos textos mas outros não, não eram nada óbvios e eu não percebia exactamente por que é que aquilo me estava a sair assim (**risos**) ... mas continuei, continuei... De vez em quando, voltava aos textos outra vez para tentar perceber se não estaria a seguir por outro caminho, mas sempre tive a intenção de me deixar ir... no sentido vertical, de quem mergulha no abismo. . Senti este exercício como um trabalho experimental, como um trabalho de investigação, que só um doutoramento com bolsa, naquela fase, me permitiu que fosse possível. E portanto, no

fundo, essa foi a minha fase de laboratório, a minha fase experimental, tentar perceber o que é que ia sair do fundo do poço. No início, julgava que esse caderno ajudar-me-ia a encontrar uma solução, qualquer coisa, sei lá..., uma ideia redonda que me caísse do céu para me afastar das caixas ou voltar com outro olhar. Mas como não conseguia parar, ao fim de dois anos olhei para aquele amontoado de desenhos e pensei “acho que os tenho aqui, no final eles estão cá – é isto - o trabalho é isto”. Então aí comecei a olhar para alguns desenhos já com outro cuidado e a pensar se aprofundaria mais uma ou outra ideia. Numa escala maior, voltei ao desenho mas desenvolvendo um trabalho de oficina, com maior reflexão; já não era tão espontâneo, foi uma coisa mais elaborada.



“Estilo” © Mariana Viana

MF - A cortar, a refinar... - como é que foi esse escolher?

MV - Voltei novamente aos textos e o processo começou por ser de triagem. O critério foi perceber que desenhos se conseguiam relacionar com todos os 23 contos - não estavam confinados a uma frase ou a um parágrafo, mas todos eles podiam ilustrar, no fundo, todos

os textos. Mesmo que um ou outro se aproximasse mais de um ou outro conto, como “O Quarto”, ou este aqui que tem uma relação directa com “Polícia”, mas eu sabia que qualquer um deles podia estar em qualquer lado, caso avançasse com a proposta de livro ilustrado.

MF - Há aqui sempre um processo, uma certa metamorfose nos desenhos... tem a ver com essa multidisciplinaridade das ilustrações, que se podem adaptar aos vários contos?

MV - Foram os contos que me levaram a essa multidisciplinaridade e metamorfose, de forma inconsciente, julgo. Nesse sentido, sim. Voltando aos animais e às bestas, Quando estava a falar dos animais e das bestas, e quando, na altura, olhei para os trabalhos novamente, percebi que havia uma série deles que estavam implícitos no texto. De forma inconsciente, a minha leitura, trouxe-os à superfície, e, provavelmente, levou a essa transformação – da pessoa humana em animal e animal em pessoa humana – ele [Herberto] está sempre a fazer ir ao fundo da sua génese.

MF - Sim, porque há pessoas que não são “humanas”, por exemplo, fala-se aqui num cão e numa esposa, o cão tem um marinheiro, ou seja, uma pessoa que não é humana...

MV - Sim, nesse texto é muito visível, “Cães, Marinheiros”, é o título do conto mas nesse, por exemplo, eu até resolvi (ou saiu dessa forma), representar os dois num só. Não quis fazer a figura de um cão sendo dono de um marinheiro, essa imagem é o que nós retiramos directamente dali. A mim, saiu-me uma figura híbrida. Foi muito importante, julgo, a leitura dos outros [contos], porque, na verdade, eu acho que os narradores dos diversos contos, que poderemos até dizer que são apenas um, estão/ está sempre, sempre em transformação, sempre à procura de si, sempre os passos em volta. A Diana [Pimentel] quando viu o trabalho por mim desenvolvido – e para mim foi muito importante ter a leitura das pessoas que vêm da Literatura, porque o trabalho foi sempre observado no âmbito das Artes Visuais, por pessoas que até podem conhecer *Os Passos em Volta*, mas não estão tão dentro da obra do Herberto – perdeu algum tempo a tentar percebê-los [aos desenhos] e disse umas coisas que para mim foram importantes de saber. A Diana disse-me que voltou à leitura d’*Os Passos em Volta* tentando encontrar referências que pudessem dar pistas para a leitura das minhas imagens e que não as encontrou de imediato. Percebeu que tinha que fazer a leitura ao contrário: encontrar directamente nos desenhos aquilo que continham sobre *Os Passos...* e que, realmente, o bestiário existe, está lá.

Assim como outros textos e outras análises que foram feitas de outros autores sobre *Os Passos em Volta*, que eu depois só li mais tarde. E no fundo, quando eu li esse textos, passei a compreender melhor os meus próprios desenhos, quase que esses textos estavam a ser uma crítica, uma análise aos meus desenhos e para mim, isso foi... revelador. Eu pensei “bem, afinal não me afastei assim tanto, há qualquer coisa aqui que faz sentido... **(risos)** ... no meio destes seres todos que saem em metamorfose”.

MF - No texto que escreveu a Diana Pimentel, há uma fase que diz que, e vou citar “[...] Mariana Viana aprendeu a ser mortalmente paciente diante das cores do texto, que é ébrio, obsessivo e circular” - o processo é um pouco esta conjuntura, esta disposição circular, digamos assim.

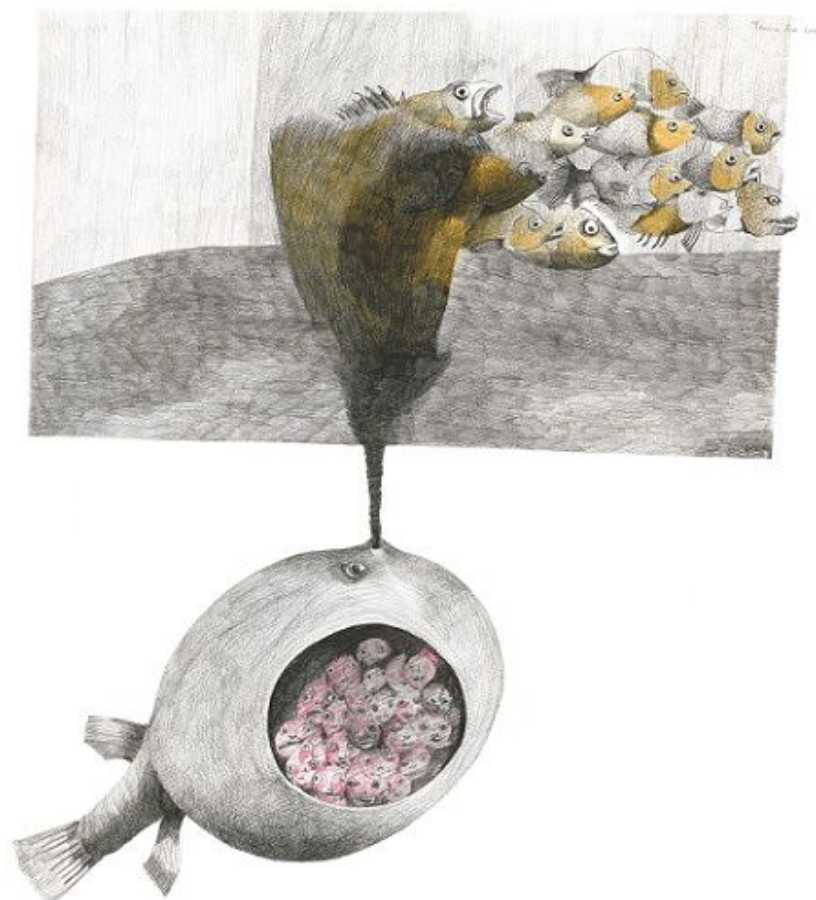
MV - Sim, paciente até à exaustão..., é que essa impulsividade e essa obsessão que senti foi de tal forma que à medida que me aproximava do fim, sentia que as imagens não fluíam tão bem. No início, foi tudo muito espontâneo, os desenhos iam saindo, saindo de forma muito, muito obsessiva e no fim já estava quase a arrancá-los a ferro... e foi aí que percebi: acabou. Já não tenho mais nada, estou vazia, expurguei tudo o que eu podia... **(risos)**... já saltaram todos cá para fora. *Os Passos em Volta* foram completamente... quer dizer, já não havia mais nada a dizer, não consigo ter mais nada a dizer sobre aquilo e há esse... ela diz “circular”, essa forma... do texto ser circular e o meu trabalho, acho que se relacionou... eu própria também estava um bocadinho à procura.

MF - Foi também uma apreensão... da obra, não é, foi esse círculo também em torno, em busca do conhecimento da obra para si...

MV - Sim, do conhecimento da obra por mim e ao mesmo tempo também “em mim”, porque, no fundo, também é um trabalho meu de procura, de tentar entender... porque há um paralelo, por isso é que eu digo que é sempre paralelo ao trabalho dele, a procura dos textos, para tentar compreender... e ao mesmo tempo também sou eu... é a minha interpretação, é a minha forma de lidar com eles.

MF - Este sentido onírico dos desenhos – quando se tem em mente este conceito, quando se olha para os desenhos, quase que se os consegue imaginar em sonhos, mas em contraponto, o processo da ilustração foi muito desperto, muito atento...

MV - Sim, foi muito atento mas, lá está, foi muito, muito espontâneo. Foi muito compulsivo, esse trabalho mais de oficina. E o próprio Herberto também dizia dos seus textos que há uma fase primeira de espontaneidade, em que as coisas surgem às vezes sem percebermos muito bem como é que elas surgem, saltam e estão ali; e depois, a seguir, então vamos tentar perceber e resolver. E, comigo, passou-se muito assim. Mas sim, o que eu acho que aconteceu é que estive tanto, tanto tempo a pensar neles, que depois quando eles saíram, saíram dessa forma, e foram ao encontro dessa imagética onírica que eu estava à procura... mas, e aí... fiquei contente, porque podia até nem ter sido assim **(risos)** ... mas eu, na verdade, sempre senti que havia essa imagética onírica.



"Teoria das cores" © Mariana Viana

MF - E há aqui também uma perspectiva de que o sonho ilustrado é uma espécie de veículo para a metamorfose e para expansão das figuras...

MV - Sim, é verdade. O último **[desenho na exposição]** lá em cima **[numa das salas do piso superior da galeria]**, representa uma espécie de tronco. Esse desenho foi a pensar, sobretudo num conto em particular, “O Quarto”, mas foi também quase como que... um resumo de toda a obra. Porque eu acho que n’“O quarto” bate sempre o tema da construção da morte, que ele **[Herberto]**, nos outros contos também aborda, uma vezes mais directamente, outras vezes menos, mas esta procura e construção de um lugar para... para morrer, digno para morrer, ou seja, à procura de um lugar para morrer ou voltar à sua origem, ou voltar ao lugar onde nasceu. E então, tive uma necessidade de sair destes formatos, porque o conto começa com o narrador a falar com o construtor, a dizer que ele está a construir uma casa, a sua casa para morrer. Depois faz a descrição do sítio e porquê é que escolhe aquele sítio. Então eu quis fazer um formato maior. Demorar tempo, porque ele diz “lentamente”. É muito lento esse processo e eu quis que os desenhos também demorassem esse tempo. Por isso é que eles também são feitos em quatro, são quatro desenhos... até poderia ter continuado, mas pronto, depois acabei e por isso é que o desenho foi colocado na exposição quase como se estivesse a atravessar o tecto, transmitindo a ideia de infinito. Porque é uma construção que depois é infinita, não acaba. E esse é também um processo, de alguma forma, onírico e que nos pode levar... porque eu imaginei a construção da casa como se ele estivesse a construir uma árvore da vida para dentro da terra, no fundo é um voltar à terra, um voltar a nascer. Um eterno retorno....

MF - Há no desdobrável da exposição a seguinte frase: “Ninguém suporta muito tempo o seu próprio prodígio, nem muito tempo suportamos o prodígio dos outros”. Como é que foi lidar com este prodígio chamado Herberto?

(risos)

MV - Pois, houve vezes em que estive para desistir... embora tenha sido uma experiência muito enriquecedora. Depois... foi depois um vazio... Alguém me perguntava “o que é aconteceu então no fim?” ou “como é que se sentiu no fim?”. E eu disse: senti um vazio. Porque foi tão intenso e longo este convívio com a obra do Herberto Helder, sentir o

prodígio tão de perto e não desmoralizar... No fim, depois de se ter estado tão cheio, só pode acontecer um vazio...

MF - Estes desenhos foram feitos em 2010 e 2011, certo?)

MV - Sim, por aí... Depois ainda houve o processo de seleção dos desenhos para tentar fazer então a proposta de livro ilustrado.

MF - Que é este que está aqui...

MV - Sim. São dois processos completamente diferentes: houve uma primeira fase de dois anos a desenhar e depois, então, passou para um olhar sobre os resultados mais aprofundado e encontrar um lugar para os acolher numa proposta de livro ilustrado. Os desenhos são uma série de variações do mesmo motivo e assim acabei por, para cada conto, apresentar uma série de interpretações. Se houvesse uma narrativa ou uma sequência, seria de conto para conto e não em cada um dos contos. Não me interessava muito o desenvolver do texto em termos de sequência, em termos de narrativa de cada um dos textos, mas mais em relação aos vinte e três contos. E a proposta ilustrada, esse trabalho de ilustração, de montagem das imagens junto dos textos, demorou também muito tempo, houve muitas versões e ainda não está totalmente decidido, porque isto não é um livro concluído... concluído...

MF - Porque este que aqui vemos é ainda apenas uma proposta, não é definitivo.

MV - Não.

MF - Tal como a poesia de Herberto, também não o é...

MV - Exactamente. Mas é muito provável que o livro não saia desta forma, porque acabei por perceber que aquilo que fiz foi um ensaio em torno dos *Passos*. E não me apetece estar a colocar os desenhos tão próximo da obra integral. Provavelmente, o que vai acontecer é que haverá um livro de artista com texto e com desenho, um pouco como os desdobráveis. Esta proposta que eu aqui fiz é mais de ilustração e eu neste momento... bom, até é bom às vezes as coisas demorem tanto tempo... a dada altura enviei este livro para o Herberto... (não o conhecia, mas enviei a dizer que havia este livro) e pensei que ele não

me ia responder. Mas ao contrário de todas as expectativas, ele escreveu-me. Duas semanas depois escreveu-me uma carta absolutamente extraordinária, a dizer que gostou muito do trabalho e que passou a olhar para o seu *Os Passos em Volta* com outro olhar, como não julgasse ser possível. E afirmou que não gostava nada desse seu trabalho e diz esta coisa incrível: “ Acho portanto excessiva generosidade sua conseguir encontrar apoio num livro tão, digamos, secundário, e ilustrá-lo tão sumptuosamente”. Não poderia ter tido um melhor fim, pensei. Foi muito gratificante sentir que o meu trabalho não teve um efeito redutor (que era o meu grande receio desde o início) na obra do Herberto, mas que conduziu a outros *passos em volta*, os meus.

Nunca foi minha intenção, como já disse atrás, ilustrar literalmente uma obra que por si só é já sublime....

MF - ... que vá reproduzir o que está escrito?

MV - ... pois, isso era um trabalho inglório e inócuo. Lidar com aquele génio, foi muito duro (risos).

MF - Então e agora? Perspectivas para o futuro? Para quando é que sai o livro?

MV - Pois, está programada uma co-edição entre a Abysmo e a Imprensa Nacional. Estamos a apontar para o Natal **[de 2017]**. Vamos ver. Mas foi muito simpático o convite que recebi da Cecília Vieira de Freitas e do Maurício Reis, responsáveis da galeria da Porta 33, para expor aqui os desenhos, depois da exposição na universidade, no âmbito do Congresso de Herberto Helder. Na altura da exposição **[apresentada no Funchal, em novembro de 2016, no âmbito do Congresso Internacional Herberto Helder - a vida inteira para fundar um poema]**, acabei por trazer de Lisboa mais outros tantos desenhos que ainda não tinham sido expostos, pois no total existem cerca de 400. Foram expostos pela primeira vez, em Setembro de 2014, e numa primeira selecção, na galeria Abysmo, em Lisboa, a convite do João Paulo Cotrim. Alguns já foram vendidos e portanto já se estão a dispersar...

MF

Mariana Viana

Doutorada em Artes Visuais pela Universidade de Évora. Mestrado em Ilustração (*Illustration as Visual Essay*), na School of Visual Arts, em Nova Iorque. Licenciatura em Design Gráfico na Camberwell College of Arts, em Londres. Concebeu e coordenou a Pós-Graduação de Ilustração no ISEC entre 2003 e 2004, o Mestrado de Ilustração (em colaboração com o Filipe Rocha da Silva e Pedro Salgado) no ISEC/UÉ entre 2009 a 2015 e a Pós-Graduação em Ilustração na Universidade Autónoma de Lisboa, entre Junho de 2016 e Setembro de 2017. Designer gráfica em diferentes empresas, entre as quais, a PPS, *Project for Public Spaces*, em Nova Iorque. Em regime de freelancer actuou como designer e ilustradora para instituições como o Museu Nacional de Arte Antiga e a Fundação Calouste Gulbenkian.

Actualmente é professora adjunta convidada na Escola Superior de Educação de Lisboa e dedica-se à ilustração e a outros projectos artísticos.

Maria Fernandes (Funchal 1983)

Desenvolve actividade profissional na área de gestão e produção de projectos culturais. Criou em 2015 o periódico online *A.Poética*. Mantém o blogue de poesia "Ventos Obtusos" e colabora na edição digital da revista *Umbigo*. Tem participado em diversas antologias poéticas e publicou em 2014 a edição de autor *Contemplações, Constatações e 30 Ventos*.